

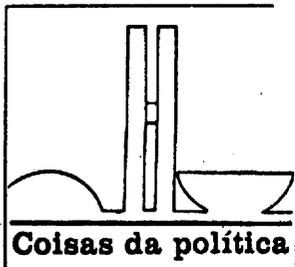
# Sarney está só com a popularidade

8 OUT 1985

JORNAL DO BRASIL

Villas-Bôas Corrêa

**O** Dr Ulysses Guimarães montou uma explicação muito esperta, manhosa, contraditória e ambígua, para justificar as suas negações e evasivas em aceitar a incumbência de, como presidente do maior partido de apoio ao Governo, assumir a responsabilidade de articulação do pacto social.



Temperamento franco de homem de bem, o Dr Ulysses salta as poças das evasivas e admite que, nem agora nem nunca, pensou em colocar sobre os ombros a prebenda de conduzir entendimentos para compor um amplo acordo nacional que assegurasse ao Governo a trégua indispensável à arrumação da casa em desordem. Alega um tanto tardiamente que o pacto só poderia ser encaminhado na lua de mel dos primeiros 100 dias de governo, em plena ebulição das esperanças. E, pelo que se depreende, descartou a hipótese de um acerto desde a provação da tragédia do Presidente Tancredo Neves.

Portanto, salvo engano de interpretação, o Dr Ulysses acha que o pacto seria possível com Tancredo mas inviável com Sarney. E estamos conversados.

É curioso que a avaliação do Dr Ulysses, em certos aspectos, coincide exatamente com a do Presidente José Sarney. Tal como o Dr Ulysses, Sarney lamenta que tenha sido desperdiçado o tempo certo de negociar o pacto nacional, nos dias inaugurais do Governo, quando eram mais alvorçadas as expectativas e maior a receptividade para um acerto que consolidasse o Governo ameaçado de desabar sobre o cocuruto de todos. Só que o Presidente Sarney, com jeito e ao pé do ouvido, cochicha que a procrastinação ficou por conta das hesitações do Dr Ulysses. E o presidente do PMDB debita a fatura à fatalidade e às circunstâncias, tirando o corpo magro da dança.

Daí para a frente, no caso, o Presidente Sarney e o Dr Ulysses não mais se encontram. Distanciam-se por atalhos opostos. O Presidente teima e insiste em salvar o pacto e mobiliza os seus ministros de fé para as várias frentes de negociação. O Ministro Almir Pazzianotto cuida dos sindicatos e de toda a ampla e reivindicante área trabalhista. Negocia com os que não têm mais nada a ceder e que já estão no último furo da paciência. E o Ministro Dilson Funaro, com alta cotação na bolsa do Palácio do Planalto, a estrela de maior brilho na constelação do Alvorada e nos círculos íntimos da Presidência, precisa desdobrar-se para atender às emergências da renegociação da dívida externa e ainda amolecer o coração duro dos patrões e empresários.

Pois o Dr Ulysses já enterrou o pacto e nem mesmo se dispõe a chorar por ele uma lágrima de pesar. O pacto já era: até como palavra está desgastado, e o que o Governo tem a fazer é operar no varejo, tapando o buraco de cada crise que venha a explodir com uma ação de bombeiro. Ou, como diz o Dr Ulysses com muita propriedade e o culto do termo preciso e precioso, o Governo deve enfrentar as crises topicamente.

Ora, de toda essa cantilena, descontados os adjetivos da amabilidade e de reconhecimento pelo esforço pessoal de Sarney, o que salta com as molas da evidência é que o Dr Ulysses não é propriamente um aliado do Governo com aquela adesão incondicional, o parceiro para o que der e vier. Ou, enxergando as coisas por um lado mais objetivo e malicioso, o Presidente José Sarney está politicamente só. Os companheiros de travessia são os eventuais, dependentes das circunstâncias. Sarney é um Presidente que se agarra no trapézio da própria popularidade.

O maior ou menor índice de popularidade do Presidente, registrados pelas pesquisas de opinião, condicionam a maior ou menor consistência da solidariedade. Como os partidos estão em fase de frouxa disciplina e o Congresso em rebelião permanente, o apoio ao Presidente é alinhavado com pontos individuais e com a linha do interesse imediato. Imediatíssimo, pois a fase de campanha eleitoral encurta cobranças e estabelece a transação na urgência do toma-lá-dá-cá. Ali, à vista, favor prestado contra o pagamento do apoio.

O desmaio da curva de popularidade do Presidente Sarney não parece ter sido devidamente assimilada pelo PMDB. Seja porque a época de campanha não aconselha a dispensa de ajudas, seja porque o êxito do discurso na ONU, oficializando a posição brasileira para a renegociação da dívida externa pautada em critérios políticos, sugere uma bela bandeira para os comícios, o fato é que o apoio do Presidente vem sendo requisitado com uma insistência até desrespeitosa. Por mais que o Presidente alegue que não tem como enfiar a mão na cumbuca de uma campanha na qual os parceiros da Aliança estão se comendo, os candidatos esgrimem os truques mais ladinos para exibir o suposto apoio do Presidente. Quer dizer: do Presidente popular, apesar de tudo.

A solidão de Sarney, cada vez mais entrincheirado com a família e os assessores de seleção pessoal, não define uma opção de livre escolha entre variadas alternativas. Mas vai se fechando como a única saída possível. O Presidente não tem outra: ou se escora na simpatia, no apoio do povo ou flutuará no espaço, solto no ar, jogado como peteca, de cá para lá, pelos variáveis humores e os instáveis interesses de aliados pouquíssimo confiáveis, excitados pelos estímulos da campanha e de olhos arregalados para os votos.